



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE EXCELÊNCIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
UNIDADE DE ENSINO DE VITÓRIA DA CONQUISTA**

**ANA BEATRIZ BORGES DA SILVA SANTOS
MARIA VITÓRIA PEREIRA NOGUEIRA**

**MANIFESTAÇÕES COMPORTAMENTAIS DA INFLEXIBILIDADE COGNITIVA
NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: ANÁLISE QUALITATIVA DE
ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO**

VITÓRIA DA CONQUISTA - BA

2025

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE EXCELÊNCIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
UNIDADE DE ENSINO DE VITÓRIA DA CONQUISTA**

**ANA BEATRIZ BORGES DA SILVA SANTOS
MARIA VITÓRIA PEREIRA NOGUEIRA**

**MANIFESTAÇÕES COMPORTAMENTAIS DA INFLEXIBILIDADE COGNITIVA
NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: ANÁLISE QUALITATIVA DE
ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Psicologia - Centro Universitário de Excelência, Unidade Vitória da Conquista, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Me. Gênesis Guimarães Soares

**VITÓRIA DA CONQUISTA - BA
2025**



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE EXCELÊNCIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
UNIDADE DE ENSINO DE VITÓRIA DA CONQUISTA**

FOLHA DE APROVAÇÃO

**ANA BEATRIZ BORGES DA SILVA SANTOS
MARIA VITÓRIA PEREIRA NOGUEIRA**

**MANIFESTAÇÕES COMPORTAMENTAIS DA INFLEXIBILIDADE COGNITIVA
NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: ANÁLISE QUALITATIVA DE
ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Psicologia - Centro Universitário de Excelência, Unidade Vitória da Conquista, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Me. Gênesis Guimarães Soares

Banca Examinadora

Prof. Me. Gênesis Guimarães Soares - Orientador

Prof^ª. Ma. Milena de Andrade Bahiano – Avaliadora interna

Prof. Esp. Raphael Weber Silva Rocha – Avaliador externo

AGRADECIMENTOS

Agradecemos, primeiramente, a Deus, por ter nos concedido força, sabedoria e serenidade para chegar até aqui. Em cada desafio superado, reconhecemos Sua presença e cuidado, que nos sustentaram durante toda essa caminhada. Estendemos nossa gratidão às nossas famílias, pelo amor, paciência e compreensão diante das ausências e dos momentos de cansaço. Cada gesto de apoio foi essencial para que esta conquista se tornasse possível. Aos amigos, pela escuta atenta, pelas palavras de incentivo e por tornarem os dias mais leves mesmo quando o caminho parecia difícil. Ao nosso orientador, pela dedicação, disponibilidade e contribuições fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. A todos que, de alguma forma, participaram desta trajetória, nosso sincero agradecimento. Este trabalho é fruto de esforço, fé, parceria e perseverança, e representa não apenas a conclusão de uma etapa acadêmica, mas também a realização de um sonho construído com gratidão e esperança.

SANTOS, Ana Beatriz Borges da Silva; NOGUEIRA, Maria Vitória Pereira. **Manifestações comportamentais da inflexibilidade cognitiva no Transtorno do Espectro Autista: análise qualitativa de estratégias de intervenção.** 2025. 37 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Centro Universitário de Excelência, Vitória da Conquista, 2025.

RESUMO

A inflexibilidade cognitiva, frequentemente observada em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), manifesta-se por meio da resistência a mudanças, da dificuldade em adaptar-se a novas rotinas e da limitação na utilização de estratégias alternativas diante de imprevistos. Esses comportamentos interferem diretamente nas interações sociais, no processo de aprendizagem e na autonomia da criança. Diante desse contexto, o presente estudo teve como objetivo analisar as manifestações comportamentais associadas ao déficit na flexibilidade cognitiva e compreender de que maneira as estratégias de intervenção contribuem para o desenvolvimento de comportamentos mais adaptativos. A pesquisa foi desenvolvida por meio de uma abordagem qualitativa, utilizando entrevistas semiestruturadas com 5 profissionais da área da Psicologia que atuam com crianças diagnosticadas com TEA. A análise dos dados, conduzida a partir do método de análise de conteúdo, evidenciou que intervenções baseadas em rotinas estruturadas, reforço positivo, uso de histórias sociais e suportes visuais favorecem a ampliação da capacidade de adaptação e a diminuição de comportamentos rígidos. Os resultados destacam a importância de práticas individualizadas que considerem o ritmo e as necessidades de cada criança, promovendo um processo terapêutico mais humano e significativo.

Palavras-chave: Análise do comportamento. Estratégias de Intervenção. Implicações Comportamentais. Inflexibilidade Cognitiva. Transtorno do Espectro Autista

ABSTRACT

Cognitive inflexibility, frequently observed in individuals with Autism Spectrum Disorder (ASD), manifests itself through resistance to change, difficulty adapting to new routines, and limitations in the use of alternative strategies in the face of unforeseen events. These behaviors directly interfere with social interactions, the learning process, and the child's autonomy. In this context, the present study aimed to analyze the behavioral manifestations associated with deficits in cognitive flexibility and to understand how intervention strategies aimed at developing more adaptive behaviors can be implemented. The research was developed using a qualitative approach, employing semi-structured interviews with 5 professionals in the field of Psychology who work with children with ASD. The data analysis, conducted using content analysis, showed that interventions based on structured routines, positive reinforcement, the use of social stories, and visual aids favor the expansion of adaptive capacity and the reduction of rigid behaviors. The results highlight the importance of individualized practices that consider the pace and needs of each child, promoting a more humane and meaningful therapeutic process.

Keywords: Behavioral analysis. Intervention strategies. Behavioral implications. Cognitive inflexibility. Autism Spectrum Disorder.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 FUNÇÕES EXECUTIVAS E A FLEXIBILIDADE	9
2.1 TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)	10
3 PRESSUPOSTOS DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO.....	11
4 METODOLOGIA.....	14
5 QUADRO DESCRITIVO SOBRE PARTICIPANTES.....	17
6 A FLEXIBILIDADE COGNITIVA EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA).....	18
6.1 EXEMPLOS RELACIONADAS AO DÉFICIT NA FLEXIBILIDADE COGNITIVA...	19
6.2 MANIFESTAÇÕES DO DÉFICIT NA FLEXIBILIDADE COGNITIVA.....	20
6.3 IMPACTOS COMPORTAMENTAIS RELACIONADAS AO DÉFICIT NA FLEXIBILIDADE COGNITIVA.....	22
7 INTERVENÇÕES TERAPÊUTICAS E ESTRATÉGIAS PARA MONITORAMENTO DE PROGRESSO	23
7.1 PROCEDIMENTOS DE AVALIAÇÃO.....	25
7.2 PROCEDIMENTOS DE INTERVENÇÃO RELACIONADOS AO DÉFICIT NA FLEXIBILIDADE COGNITIVA.....	27
7.3 MONITORAMENTO DE PROGRESSO	29
8 PRÁTICAS RELACIONADAS AO DÉFICIT NA FLEXIBILIDADE COGNITIVA	30
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS.....	34
APÊNDICES	37
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO UTILIZADO NA PESQUISA	37
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	38
APÊNDICE C – DECLARAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO E COMPROMETIMENTO DOS PESQUISADORES	42

APÊNDICE D – CARTA DE ANUÊNCIA	43
APÊNDICE E – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	44

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa científica desempenha um papel fundamental no avanço do conhecimento, possibilitando reflexões e intervenções em diferentes áreas. Nas últimas décadas, a Psicologia do desenvolvimento infantil tem passado por significativas transformações, especialmente no que se refere à flexibilidade cognitiva em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

No contexto da psicologia do desenvolvimento infantil o tema sobre flexibilidade cognitiva em crianças com TEA tem se mostrado relevante devido às intervenções individualizadas que atendem às necessidades específicas de cada criança e na melhoria das interações sociais, promovendo uma melhor tolerância e maior qualidade de vida.

Além disso, compreender essa temática se torna essencial para melhoria de pensamentos rígidos, aptidão para lidar com mudanças e imprevisibilidade das situações diárias, sendo essencial para desenvolvimento de habilidades socioemocionais e também permitindo adaptabilidade, visto que “há evidências de que crianças com as funções executivas pouco estimuladas apresentam dificuldades para prestar atenção à aula, completar trabalhos e inibir comportamentos impulsivos” (Marques, Amaral, Pantano, 2022, p. 9).

Dessa forma, aprofundar essa discussão pode contribuir para o entendimento das implicações comportamentais e para a compreensão da importância das intervenções terapêuticas para o desenvolvimento da flexibilidade cognitiva em crianças com TEA.

A problemática dessa pesquisa surge a partir da necessidade de entender as implicações comportamentais e intervenções terapêuticas relacionadas à flexibilidade cognitiva em crianças com TEA. Embora existam estudos que abordam funções executivas de forma geral, como por exemplo, citado por Franco *et al.* (2024), ainda há questionamentos sobre a flexibilidade cognitiva especificamente, como instrumento de estudo, o que pode resultar em limites na intervenção, limitação em relação ao apoio, e limitar o próprio potencial das crianças.

Diante disso, a presente pesquisa busca responder à seguinte questão: Quais intervenções terapêuticas são mais eficientes para aprimorar a flexibilidade cognitiva e quais são as implicações comportamentais no déficit da flexibilidade cognitiva em crianças com TEA, a partir de entrevista com profissionais.

A justificativa para a realização deste estudo baseia-se na sua relevância sobre a pesquisa do desenvolvimento da flexibilidade cognitiva em crianças com TEA, visto que, a flexibilidade cognitiva é uma habilidade de extrema importância para desenvolvimento e bem-estar das mesmas. No âmbito acadêmico, a pesquisa contribuirá para a identificação de necessidades específicas, investigando a relação entre o comportamento das crianças com TEA

e flexibilidade cognitiva, e analisando a eficácia das intervenções terapêuticas para o desenvolvimento dessa habilidade.

Assim, a investigação pretende preencher uma lacuna teórica e oferecer subsídios no que diz respeito às implicações comportamentais relacionadas ao déficit de flexibilidade cognitiva em crianças com TEA e analisar melhores intervenções terapêuticas que aprimorem essa habilidade, demonstrando-as no âmbito terapêutico.

Considerando esses aspectos, este projeto tem como finalidade investigar as implicações comportamentais decorrentes do déficit na flexibilidade cognitiva em crianças com TEA, bem como examinar a influência de intervenções terapêuticas na promoção e melhoria dessa habilidade. Busca-se, de modo específico, identificar os padrões comportamentais que caracterizam a baixa flexibilidade cognitiva e analisar quais estratégias de intervenção demonstram maior efetividade na sua ampliação.

2 FUNÇÕES EXECUTIVAS E A FLEXIBILIDADE

As funções executivas são descritas por Muszkat *et al.* (2013) por: “As funções executivas correspondem a um conjunto de habilidades que, de forma integrada, permitem ao indivíduo direcionar comportamentos a metas e a adequação desses comportamentos, abandonar estratégias ineficazes em prol de outras mais eficientes [...]”. Elas são essenciais para o controle consciente das ações e para a adaptação às demandas do ambiente, atuando de forma integrada, possibilitando o início de tarefas, manutenção de foco, ajuste de estratégias quando necessário.

As funções executivas são fundamentais para o desenvolvimento cognitivo e o comportamento adaptativo, pois envolvem processos mentais responsáveis pelo planejamento, controle inibitório, memória de trabalho e flexibilidade cognitiva, que permitem ao indivíduo direcionar suas ações de forma intencional e regulada diante de diferentes demandas.

Essas habilidades são essenciais para o aprendizado, a resolução de problemas e a autorregulação emocional, influenciando diretamente o desempenho escolar e social. Segundo Diamond (2013, p.136), as funções executivas “constituem o alicerce do comportamento e da cognição superiores, sendo necessárias para o sucesso em praticamente todos os aspectos da vida”.

Dentre as funções executivas, a flexibilidade cognitiva se destaca por permitir que o indivíduo se adapte diante de novas situações, mudando estratégias ou perspectivas quando necessário. Essa habilidade é essencial para lidar com imprevistos e resolução de problemas, favorecendo adaptação social. Conforme Diamond (2013, p.138), a flexibilidade cognitiva “permite mudar o foco da atenção e ajustar o comportamento conforme as circunstâncias mudam”, sendo, portanto, um componente crucial para o funcionamento executivo saudável.

A flexibilidade cognitiva em crianças é uma habilidade essencial do funcionamento executivo, responsável por possibilitar a adaptação de pensamentos e comportamentos frente a novas regras, demandas e contextos. Essa capacidade começa a se desenvolver na infância e se aprimora progressivamente, sendo fundamental para o sucesso escolar, social e emocional.

Pesquisas mostram que a flexibilidade cognitiva está associada à linguagem e à compreensão emocional, indicando que crianças com maior flexibilidade tendem a apresentar melhor entendimento das emoções mediado pelo desenvolvimento verbal (Zelazo, 2015; Yeniad *et al*, 2013). Dessa forma, reconhecer a importância da flexibilidade cognitiva torna-se essencial, para o avanço em demandas ambientais e para a aprendizagem.

Além disso, evidências sugerem que seu avanço depende da maturação de outras funções executivas, como a memória de trabalho e o controle inibitório (Carroll, Blakey, FitzGibbon, 2016; Filipe, Veloso, Frota, 2023). Dessa forma, compreender e estimular essa função é essencial para promover o desenvolvimento cognitivo e socioemocional infantil.

2.1 TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento que afeta a maneira como a pessoa se comunica, interage e se comporta. De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5-TR), o TEA envolve dificuldades persistentes na comunicação e na interação social, além de comportamentos e interesses repetitivos e restritos (American Psychiatric Association, 2022, p. 55). Esses sinais geralmente aparecem nos primeiros anos de vida e podem impactar distintos contextos do funcionamento.

O TEA apresenta grande variabilidade em suas manifestações, sendo considerado um espectro justamente pela amplitude e diversidade de sintomas e níveis de suporte necessários. Como descreve Schwartzman (2011, p. 22), “o autismo não se manifesta de forma única; há uma diversidade de apresentações clínicas que refletem diferentes graus de comprometimento cognitivo, linguístico e social”. Essa heterogeneidade exige uma compreensão individualizada de cada sujeito, respeitando suas particularidades e potenciais.

Entre os principais critérios diagnósticos, destacam-se os déficits persistentes na comunicação social e interação social em vários contextos, além de comportamentos como insistência em rotinas, padrões de interesses restritos e resistência a mudanças são frequentemente observados (American Psychiatric Association, 2022). Segundo Bosa (2006), “as dificuldades em compartilhar experiências e compreender as intenções alheias comprometem a qualidade das interações sociais e o desenvolvimento de habilidades comunicativas”.

O desenvolvimento cognitivo de crianças com TEA também pode ser marcado por peculiaridades, especialmente na forma como processam informações e respondem a estímulos do ambiente. Assim, pessoas com TEA costumam concentrar sua atenção em aspectos específicos das situações, o que influencia diretamente sua compreensão das normas e sutilezas das interações humanas.

Nesse contexto, é importante destacar que a flexibilidade cognitiva entendida como a capacidade de ajustar o pensamento e o comportamento diante de novas demandas ou mudanças, é frequentemente afetada em pessoas com TEA.

A rigidez cognitiva no TEA pode tornar mais difícil para a criança adaptar-se em situações novas e consequentemente influenciando no aprendizado e nas interações do cotidiano. Essa limitação se manifesta em alterações de rotina, ou em contextos mais complexos, como resolução de problemas e enfrentamento de imprevistos.

Conforme Diamond (2013), a flexibilidade cognitiva tem papel central não apenas no modo como o sujeito com TEA percebe e reage às mudanças, mas também na forma como constrói estratégias de enfrentamento diante de desafios cotidianos. O desenvolvimento dessa habilidade contribui para que a criança conquiste mais autonomia e aprender com diversas situações do cotidiano.

Em termos de funcionamento adaptativo, a presença de dificuldades na flexibilidade cognitiva e no controle inibitório pode afetar significativamente a capacidade de lidar com imprevistos e mudanças de rotina.

Conforme Schwartzman e Araújo (2011), a rigidez comportamental e o apego a padrões repetitivos observados em indivíduos com TEA estão relacionados a dificuldades nas funções executivas, especialmente na flexibilidade cognitiva, o que compromete a adaptação a novas situações. Dessa forma, compreender o TEA implica reconhecer a interdependência entre aspectos cognitivos, emocionais e sociais no processo de desenvolvimento.

O diagnóstico precoce e as intervenções interdisciplinares são fundamentais para potencializar as habilidades comunicativas e sociais, reduzindo o impacto das dificuldades associadas ao transtorno. A intervenção das crianças com TEA precisa do apoio que conseguem fazer e fortalecer seus vínculos, para que ganhem mais autonomia e participação no dia a dia. Portanto, compreender o TEA é essencial para promover práticas educativas e terapêuticas que respeitem a singularidade e a dignidade de cada indivíduo.

3 PRESSUPOSTOS DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

A presente categoria tem como objetivo introduzir conceitos fundamentais da Análise do Comportamento que serão mencionados ao longo do trabalho, de modo a favorecer a compreensão dos processos envolvidos na aprendizagem e no comportamento humano. Esses conceitos amplamente discutidos por autores como B. F. Skinner e A. Charles Catania, constituem a base teórica para a análise, interpretação e intervenção comportamental.

A Análise do Comportamento é uma área da psicologia que estuda a relação entre indivíduo e ambiente, a fim de compreender de que forma os eventos podem influenciar as

ações humanas. Fundamentada em estudos científicos concretos, considera o comportamento um fenômeno observável, passível de análise, modificação ou extinção.

Na perspectiva analítico-comportamental, o reforço é um dos princípios centrais, definido como o processo pelo qual uma consequência aumenta a probabilidade futura de ocorrência de um comportamento.

Catania (1999) explica que o reforço não está relacionado apenas à apresentação de algo agradável, mas ao efeito que essa consequência exerce sobre a frequência da resposta. Assim, o reforço positivo envolve a adição de um estímulo reforçador após o comportamento, enquanto o reforço negativo refere-se à remoção de um estímulo aversivo, ambos contribuindo para o fortalecimento da resposta.

A aprendizagem, nesse contexto, é compreendida como a modificação relativamente duradoura do comportamento em função da experiência. Para a Análise do Comportamento, aprender significa estabelecer novas relações entre estímulos e respostas, mediadas pelas contingências de reforçamento. Segundo Skinner (1953), o comportamento é produto das interações entre o organismo e o ambiente, e a aprendizagem reflete a sensibilidade crescente do indivíduo às consequências de suas ações.

Além disso, a generalização de respostas constitui um processo essencial no desenvolvimento de repertórios amplos e adaptativos. Trata-se da ocorrência de uma resposta aprendida em contextos distintos daquele em que foi originalmente ensinada.

Quando a generalização é limitada, surgem as chamadas barreiras comportamentais, que dificultam a aplicação das habilidades aprendidas em novos ambientes. Essas barreiras podem ser consequência de histórias restritas de reforçamento ou da ausência de ensino sistemático que favoreça a variação e a flexibilidade comportamental.

Para compreender e intervir nesses processos, a análise funcional é o procedimento que permite identificar as variáveis que controlam um comportamento, determinando os antecedentes e as consequências que o mantêm. Essa análise é essencial para a intervenção, pois possibilita a modificação das contingências, relações entre eventos antecedentes, respostas e consequências, de modo a promover comportamentos socialmente relevantes e reduzir respostas disfuncionais. Como aponta Skinner (1974), compreender o comportamento é compreender as contingências que o produzem e o mantêm.

Entre as estratégias de ensino mais eficazes para ampliar a flexibilidade comportamental, destaca-se o ensino por múltiplos exemplares, que consiste em expor o aprendiz a uma variedade de estímulos e contextos que compartilham propriedades funcionais

semelhantes. Essa variação sistemática promove a generalização e evita que o comportamento aprendido fique restrito a situações específicas, fortalecendo o controle de estímulo mais amplo e funcional.

Por fim, o reforçamento diferencial é uma técnica fundamental para a modificação comportamental, consistindo em reforçar respostas desejáveis enquanto se retira o reforço de respostas indesejadas. Essa prática possibilita a modelagem de repertórios adequados e é amplamente utilizada em contextos educacionais e clínicos, sempre considerando a função que o comportamento exerce para o indivíduo. Catania (1999) descreve o reforçamento diferencial como uma aplicação refinada do princípio do reforço, voltada à construção gradual de repertórios socialmente relevantes.

Em síntese, os conceitos de reforço, aprendizagem, generalização, contingência, análise funcional, ensino por múltiplos exemplares e reforçamento diferencial formam um conjunto interligado de princípios que fundamentam a prática analítico-comportamental. Compreender esses processos permite planejar intervenções mais eficazes e promover a aquisição de repertórios amplos, flexíveis e duradouros, favorecendo o desenvolvimento e a adaptação do indivíduo em diferentes contextos.

Conforme os resultados obtidos através da metodologia, os princípios analítico-comportamentais sustentam intervenções bem fundamentadas, permitindo que as estratégias aplicadas sejam consistentes, planejadas e alinhadas às necessidades específicas de cada criança com TEA, contribuindo para avanços estáveis e generalizáveis.

4 METODOLOGIA

Este estudo teve como objetivo investigar as implicações comportamentais decorrentes do déficit na flexibilidade cognitiva em crianças com TEA, a fim de compreender percepções e experiências dos participantes, sendo adotada uma abordagem qualitativa, com enfoque em uma entrevista semiestruturada. A pesquisa teve como amostra de 5 profissionais, que trabalham com intervenções em crianças com TEA, dentre eles, 4 psicólogos especialistas em Análise do Comportamento Aplicada (ABA) e um psicólogo especialista em Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC).

A entrevista pelos profissionais se deu porque eles acompanham essas crianças no cotidiano clínico e possuem experiência direta sobre o tema. A coleta com crianças exigiria procedimentos éticos e metodológicos mais complexos, por isso optou-se por compreender o fenômeno a partir das percepções desses especialistas.

Foram incluídos nessa pesquisa participantes que: possuíam formação em Psicologia, experiência mínima de dois anos, possuíam atuação profissional em clínicas ou escolas que atuavam com crianças com TEA e os participantes concordaram voluntariamente a participarem da pesquisa, mediante explicação e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Foram excluídos dessa pesquisa os profissionais que: não atendiam aos critérios estabelecidos para inclusão, não possuíam a formação necessária, não possuía experiência na atuação com o público-alvo ou apresentaram limitações que dificultassem as etapas nas coletas de dados. Essa etapa tornou-se importante pois, evitaram informações que pudessem comprometer a análise final.

A escolha da perspectiva metodológica qualitativa se deveu à necessidade de compreender, de forma ampla e aprofundada, a flexibilidade cognitiva em crianças com TEA e suas implicações. Essa abordagem também possibilita captar a percepção dos profissionais sobre a importância das intervenções, considerando suas experiências e pontos de vista individuais.

De acordo com Sampieri, Collado e Lucio (2013), a abordagem qualitativa se caracteriza pela coleta de dados sem medição numérica, buscando compreender os fenômenos a partir de seus significados e contextos, sem se basear em análises estatísticas. Essa forma de investigação valoriza a interpretação e a análise detalhada das experiências, permitindo uma compreensão mais profunda e contextualizada do tema estudado. Tendo como benefício sua riqueza interpretativa e contextualização de fenômenos.

Pautado nessa abordagem, foi possível interpretar os contextos ao explorar as experiências, percepções e significados atribuídos, através da coleta de informações, mergulhando na realidade dos sujeitos, considerando o contexto em que estão inseridos e valorizando suas narrativas.

Acerca do instrumento de pesquisa para coleta de dados, foi utilizada uma entrevista semiestruturada, é uma conversa guiada por perguntas principais, mas conduzida de forma flexível. Ela permite que o participante fale com liberdade e que o pesquisador aprofunde temas que surgem naturalmente durante o diálogo. No caso da presente pesquisa, com o formato de entrevista presencial. “É definida como uma reunião para conversar e trocar informação entre uma pessoa (entrevistador) e outra (entrevistado) ou outras (entrevistados).” (Sampieri, Collado e Lucio; 2013, p. 425)

Nesta pesquisa, a coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, que permitem uma interação dinâmica a partir de um roteiro previamente definido. Optou-se por essa estratégia porque o fenômeno investigado foi analisado a partir da perspectiva de profissionais que atuam com crianças com TEA. Assim, privilegiou-se o olhar desses especialistas em vez da observação direta das crianças, considerando limitações éticas e demandas metodológicas envolvidas nesse tipo de procedimento.

As entrevistas ocorreram presencialmente em horários agendados com os participantes. Nas entrevistas, as perguntas foram relacionadas (ver Apêndice A) sobre a faixa etária das crianças, se todas as crianças com TEA apresentavam esse déficit na flexibilidade cognitiva, quais os comportamentos apresentados, quais métodos usados para aprimoramento da função executiva, quais são os mais eficazes e quais são os comportamentos após as intervenções, dentre outros questionamentos que se mostraram relevantes.

Após as entrevistas, foi realizada a análise do conteúdo coletado, caracterizada como: “Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens.” (Bardin, 2011, p. 48)

A escolha desse método permitiu identificar e interpretar padrões e significados dentro das respostas. A partir disso, foi feita uma pré-análise, com leitura do questionário para familiarização do conteúdo, em seguida foram realizadas as transcrições e categorização com as respostas, a fim de garantir uma clareza com os dados coletados. Os dados foram separados

por tópicos, e por fim, foi feita uma interpretação com base na literatura existente, a fim de relacionar com o problema da pesquisa.

A fim de minimizar os possíveis riscos, as entrevistas foram realizadas individualmente com os participantes, em ambiente reservado nas clínicas, de modo a garantir privacidade e liberdade de expressão, com a possibilidade de interrupção a qualquer momento caso houvesse algum tipo de desconforto. Cada encontro foi agendado conforme a disponibilidade dos profissionais e teve duração média de 30 a 50 minutos.

Em relação aos aspectos éticos, todos os participantes foram informados sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa e assinaram o TCLE (Apêndice B), antes da participação. Além disso, todos foram informados que a participação era voluntária, podendo ser interrompida a qualquer momento.

Conforme Declaração de Autorização (Apêndice D) , o trabalho foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa, sendo aprovado sob o número de CAAE: 89317825.4.0000.5032, e recebeu parecer favorável em 19/07/2025 e foi recebido para análise ética no CEP Instituto Mantenedor de Ensino Superior da Bahia – IMES em 04/06/2025 (45.600-080).

5 QUADRO DESCRITIVO SOBRE PARTICIPANTES

Para melhor organização e preservação da identidade dos participantes, os entrevistados foram nomeados com códigos (E1, E2, E3, E4 e E5), seguindo uma ordem alfabética. O quadro a seguir foi elaborado para apresentar, de forma clara e resumida, o perfil de cada profissional que contribuiu com a pesquisa.

Nele, estão descritas informações referentes ao cargo ou função, tempo de experiência com crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), área de atuação e abordagem de trabalho utilizada. Essa estrutura permite visualizar de maneira comparativa as diferentes trajetórias e práticas dos profissionais entrevistados.

Quadro 1- Perfil Profissional

Profissional	Cargo/Função	Tempo de experiência com crianças com TEA	Atuação profissional	Abordagem de trabalho
Entrevistado 1 (E1)	Psicólogo	4 anos	Psicólogo	Análise do Comportamento Aplicada (ABA)
Entrevistado 2 (E2)	Psicólogo	4 anos	Psicologia clínica e Neuropsicologia	Terapia Cognitiva Comportamental (TCC)
Entrevistado 3 (E3)	Supervisor ABA	7 anos	Psicólogo	Análise do Comportamento Aplicada (ABA)
Entrevistado 4 (E4)	Coordenador ABA	4 anos	Psicólogo	Análise do Comportamento Aplicada (ABA)
Entrevistado 5 (E5)	Psicólogo e Proprietário de clínica em ABA	10 anos	Psicólogo	Análise do Comportamento Aplicada (ABA)

Fonte: elaborado pelos autores, (2025).

O quadro acima apresenta uma análise comparativa dos perfis de quatro profissionais atuantes na área da Análise do Comportamento Aplicada (ABA) e de um profissional da Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) em Vitória da Conquista, os profissionais desempenham os

papéis de psicólogo clínico, supervisor e coordenador ABA, revelando ampla experiência e uma trajetória profissional consolidado na área da psicoterapia infantil.

A ABA é uma abordagem amplamente reconhecida no tratamento do Transtorno do Espectro Autista TEA, baseada nos princípios do comportamento descritos por Skinner (1953). Seu objetivo é compreender como o ambiente influencia as ações humanas e utilizar estratégias para promover comportamentos socialmente significativos (Cooper; Heron; Heward, 2020). A ABA busca o desenvolvimento de habilidades adaptativas, comunicação funcional e autonomia, por meio do reforço positivo e de intervenções sistemáticas.

A TCC, conforme Beck (2013), parte da interação entre pensamento, emoção e comportamento, auxiliando o indivíduo a identificar e modificar padrões cognitivos disfuncionais. No contexto infantil, a TCC favorece o reconhecimento das emoções e o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento mais saudáveis (Caballo, 2016). Essa abordagem tem sido eficaz em promover maior regulação emocional e melhora no comportamento social de crianças com TEA.

O Acompanhante Terapêutico (AT) é uma modalidade de atendimento no fortalecimento dos laços sociais, amplamente utilizado no acompanhamento de crianças com diagnóstico do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) e que estão à margem da sociedade, como recurso para auxiliar a inclusão educacional (Silva; Cristina, 2018). Já o supervisor ABA é responsável por orientar e acompanhar a equipe de intervenção, garantindo que os programas sejam aplicados de acordo com os princípios científicos da análise do comportamento (Cooper; Heron; Heward, 2020).

O coordenador ABA tem um papel fundamental no cuidado com a criança, pois é ele quem orienta e acompanha as intervenções, buscando manter todos os terapeutas, escola e família caminhando na mesma direção. Seu objetivo é garantir que o desenvolvimento da criança aconteça de forma acolhedora, integrada e significativa. Por fim, o psicólogo clínico tem o papel de oferecer suporte emocional e psicológico, integrando diferentes abordagens para favorecer o bem-estar e a autonomia do paciente (Del Prette; Del Prette, 2017).

6 A FLEXIBILIDADE COGNITIVA EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

A análise da primeira categoria intitulada como “flexibilidade cognitiva em crianças com TEA” visa compreender as noções que o psicólogo tem sobre a flexibilidade cognitiva enquanto função executiva e o déficit atrelado ao diagnóstico de autismo, assim como

manifestações comportamentais que se expressam não apenas no contexto clínico, mas também nos contextos escolar e familiar, evidenciando sua abrangência.

No decorrer da elaboração dos dados, foi possível perceber entre os entrevistados que há grande entendimento e propriedade de fala sobre manifestações da inflexibilidade cognitiva e sua abrangência, como mostra o relato dos entrevistados:

Acredito que na ciência, né, a gente sabe que as crianças, adolescentes, adultos têm, eles apresentam comportamentos, né, de comportamentos repetitivos, estereotipados, intensos. [...] como isso vai ser apresentado por cada indivíduo, é muito, muito específico, então precisa de uma avaliação, né? (E5, 2025).

Frequentemente, bem frequentemente, é possível observar essa rigidez em relação a mudança, a forma de brincar, em relação a mudar o brinquedo, mudar de sala, apresentar uma atividade de uma forma diferente! (E4, 2025).

Refletindo sobre as falas apresentadas acima, dos entrevistados (E5 e E4), percebeu-se que os comportamentos rígidos estão contemplados no DSM-5-TR como parte dos critérios diagnósticos do TEA, manifestando-se na insistência em mesmice, na adesão inflexível a rotinas, nos comportamentos ritualizados e nos interesses restritos.

Tais manifestações são categorizadas como mais frequentes, mas não as únicas, a intolerância à incerteza, mentalidade “preto-no-branco”, aderência estrita a regras, literalismo em relação a compreensão de metáforas, expressões, ironias e fraca coerência central e troca de tarefas, são expostas como diferentes formas de rigidez no artigo de Petrolini, Jorba e Vicente (2023, p.5).

Diante disso, percebe-se que os comportamentos rígidos estão descritos no DSM-5 como parte dos critérios do TEA. Entretanto, conforme apontam Petrolini, Jorba e Vicente (2023, p. 1), trata-se de um fenômeno de abrangência transdiagnóstica, também presente em outros transtornos, o que exige uma compreensão mais ampla e multifacetada.

6.1 EXEMPLOS RELACIONADAS AO DÉFICIT NA FLEXIBILIDADE COGNITIVA

A análise desta categoria busca evidenciar situações do cotidiano em que o comprometimento da flexibilidade cognitiva se manifesta em crianças com TEA. Esses episódios ajudam a compreender como pequenas alterações na rotina, mudanças inesperadas ou a introdução de novas atividades podem gerar resistência, frustração e até comportamentos de oposição. Tais reações afetam a autonomia e interferem diretamente na convivência familiar, escolar e terapêutica, exigindo constante mediação e suporte dos adultos envolvidos.

Durante as entrevistas, um dos profissionais relatou a rigidez observada até mesmo em momentos de brincadeira, ilustrando a dificuldade da criança em aceitar variações em atividades lúdicas:

O primeiro jogo que eu mostrei na sessão, ele queria jogar todas as vezes o mesmo jogo [...] já chegava perguntando: Cadê o jogo do macaco? Eu quero o jogo do macaco! [...] é essa resistência, uma repetição rígida, até resistência física e verbal a qualquer mudança! (E2, 2025).

No brincar, geralmente as crianças apresentam, é, no brincar repetitivo, pouco interesse também em brincar e mudar de brinquedos e brincadeiras. [...] brincar com o coleguinha da mesma brincadeira repetidamente e ter dificuldade de brincar com outro brinquedo, isso na interação social. (E5 2025).

Ao refletir sobre os relatos apresentados, percebe-se que o apego a rotinas e a repetição de comportamentos específicos funcionam, para muitas dessas crianças, como estratégias de previsibilidade e segurança diante do ambiente. Contudo, embora esses padrões proporcionem estabilidade emocional, acabam restringindo oportunidades de aprendizagem, autonomia e interação social. Assim, a rigidez comportamental passa a representar uma barreira para o desenvolvimento de habilidades adaptativas e de convivência.

Primeiro porque se existe uma inflexibilidade cognitiva ali, a gente tem um grande déficit, é uma barreira comportamental. Então, se minha criança, ela tem uma inflexibilidade, isso impede com que ela aprenda novas habilidades, ne? (E3, 2025).

As situações observadas mostram que a rigidez cognitiva vai além das brincadeiras, refletindo também nas relações familiares e na rotina escolar. Varanda e Fernandes (2017) destacam que estimular a flexibilidade cognitiva ajuda a reduzir comportamentos repetitivos e favorece a adaptação a mudanças. Portanto, intervenções que incentivem, de forma sensível e gradual, a aceitação do novo são fundamentais para o desenvolvimento e o bem-estar da criança com TEA.

Dessa forma, observa-se que as manifestações relacionadas ao déficit na flexibilidade cognitiva revelam não apenas a dificuldade em lidar com o novo, mas também a intensidade emocional diante de mudanças inesperadas. Esses aspectos indicam a necessidade de intervenções terapêuticas que promovam uma adaptação progressiva, favorecendo o desenvolvimento de recursos internos que auxiliem a criança a enfrentar imprevistos de forma mais equilibrada e funcional.

6.2 MANIFESTAÇÕES DO DÉFICIT NA FLEXIBILIDADE COGNITIVA

Nessa subcategoria, foi feito um mapeamento acerca do que foi dito pelos profissionais, a respeito das situações diárias em que os comportamentos indicativos da inflexibilidade

cognitiva mais aparecem e suas implicações na vida diária. Durante o mapeamento, buscou-se delimitar momentos, tanto durante as intervenções quanto no ambiente escolar e em casa. No decorrer das entrevistas, percebe-se que as dificuldades aparecem durante o dia a dia, podendo variar a frequência e a intensidade, de acordo com a individualidade de cada criança.

Nas crianças com TEA, a inflexibilidade aparece com frequência em situações que envolvem mudanças de rotina, adaptação a novas atividades ou necessidade de flexibilizar comportamentos. Esse padrão pode trazer desafios importantes, como crises diante de imprevistos, maior ansiedade e dificuldades de socialização, já que a repetição de respostas rígidas muitas vezes funciona como uma forma de autorregulação.

De acordo com o DSM-5-TR (2022), alguns comportamentos relacionados ao Transtorno do Espectro Autista podem envolver respostas exageradas ou diminuídas a estímulos sensoriais, como sons, texturas e luzes. Também podem ser observadas respostas atípicas à dor, ao calor ou ao frio, bem como padrões alimentares restritivos ou rituais envolvendo gosto, cheiro, textura ou aparência dos alimentos, os quais constituem formas de manifestação do transtorno.

Como apontam E3, “Em uma criança de alto nível de suporte, que apresenta rigidez cognitiva, por exemplo, na estruturação de rotina, né? Então, quando a gente modifica a rotina por alguma questão, a criança não aceita ou tolera mudanças de ambiente.” E E5 “Uma rigidez cognitiva presente. Crianças que brincam, tem um padrão de brincar.” De enfileirar, então tem uma rigidez cognitiva para lidar com a mudança dessa brincadeira, tem um brincar pouco exploratório, um brincar com muita repetição, então tudo isso está relacionado a rigidez cognitiva”.

Os dados obtidos durante as entrevistas revelam que, durante o processo clínico, os momentos em que a inflexibilidade comportamental se manifesta com maior frequência estão relacionados a situações como o brincar, a troca de turno, o esperar, a comunicação, a realização de atividades de rotina e a adição ou remoção de novos materiais.

No contexto da Análise do Comportamento, o brincar funcional é compreendido como a utilização dos brinquedos conforme sua função e propósito social, favorecendo o desenvolvimento de repertórios adequados e o aprendizado de habilidades adaptativas (Cooper; Heron; Heward, 2020). Trazendo assim, diferentes possibilidades de ensino, através da análise das contingências de reforçamento.

Já a troca de turno refere-se à alternância de respostas em interações sociais, o que demanda flexibilidade e controle compartilhado das ações, sendo um componente essencial

para o desenvolvimento de comportamentos sociais mais complexos (Greer; Ross, 2019). Dificuldades nesses momentos podem indicar prejuízos na capacidade de adaptação a mudanças e resistência a novas contingências, características frequentemente observadas em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) (American Psychiatric Association, 2014).

Essa rigidez comportamental pode impactar significativamente o desenvolvimento global da criança, comprometendo sua autonomia, interação social e capacidade de responder de forma adequada às demandas do ambiente, o que reforça a necessidade de intervenções que priorizem o fortalecimento da flexibilidade cognitiva e comportamental.

A partir dos exemplos citados pelos entrevistados é possível inferir que a inflexibilidade cognitiva se manifesta em situações nas quais a criança apresenta dificuldade em modificar estratégias, aceitar novas regras, adaptar-se a mudanças de rotina, contextos, ambientes e brincadeiras. Consequentemente, comprometendo a adaptação e as respostas referentes a mudanças. Trazendo impactos comportamentais significativos a vida diária, que podem influenciar a longo prazo a vida das crianças.

6.3 IMPACTOS COMPORTAMENTAIS RELACIONADAS AO DÉFICIT NA FLEXIBILIDADE COGNITIVA

A análise da categoria denominada “impactos comportamentais relacionados ao déficit na flexibilidade cognitiva” busca compreender de que maneira a dificuldade em lidar com imprevistos, alterar estratégias mentais e adaptar-se a mudanças interfere no cotidiano de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Essas limitações afetam os processos de aprendizagem, a qualidade das interações sociais e a autonomia nos diferentes contextos em que a criança está inserida, como o familiar, o escolar e o terapêutico.

Então, eu acredito que o impacto, ele é nas relações, futuramente nas relações interpessoais, que o impacto é na aprendizagem, na escola... E na família pode ser difícil nessas relações sociais, na qualidade de vida dessa família, a exaustão emocional da família e essa criança a dificuldade de desenvolver habilidades funcionais para o dia a dia, ter autonomia. (E5, 2025)

Durante as entrevistas, os profissionais ressaltaram os prejuízos decorrentes da rigidez cognitiva, destacando a relação entre resistência a mudanças e o surgimento de comportamentos interferentes. Um dos relatos ilustra esse aspecto ao afirmar:

A rigidez cognitiva ela tá associada também a comportamentos interferentes, então eu consigo observar essa dificuldade com mudanças na rotina, essa dificuldade com o novo, em fazer algo diferente, em ser pego de surpresa, associado também à emissão

de comportamentos interferentes [...]. Muitas vezes, o ambiente causa alguma mudança que provoca um sentimento de angústia, ou de desorganização, principalmente em crianças. (E4, 2025)

Outro profissional reforçou a presença dessa rigidez em situações imprevistas, apontando que a previsibilidade é um fator determinante para o equilíbrio emocional:

A maioria tem um nível de dificuldade [...] essa rigidez aparece bastante, quando acontece algum imprevisto, que eles não esperavam que isso acontecia, eles têm muita dificuldade com essa previsibilidade [...] precisa sempre informar, mostrar recurso visual [...] tem criança que tem muita dificuldade, que é realmente doloroso! (E2, 2025).

Esses relatos evidenciam que o déficit na flexibilidade cognitiva não se restringe a episódios isolados, mas afeta profundamente a convivência diária e o bem-estar emocional da criança. Tais dificuldades tendem a gerar comportamentos desafiadores, crises de frustração e obstáculos para a socialização. Nesse contexto, a rigidez cognitiva observada em pessoas com TEA está frequentemente associada à ansiedade e à dificuldade de lidar com situações novas, evidenciando a necessidade de intervenções estruturadas e apoio a adaptações às mudanças.

Nesse mesmo sentido, Andreou, Konstantopoulos e Peristeri (2022) destacam que déficits na flexibilidade cognitiva estão entre os principais fatores que comprometem a aprendizagem e a regulação emocional em crianças autistas. A ausência dessa habilidade limita a compreensão de novas situações, reduz a tolerância à frustração e dificulta o desenvolvimento de estratégias eficazes de enfrentamento diante de desafios cotidianos.

A análise evidenciou que a dificuldade em lidar com mudanças impacta profundamente a vida de crianças com TEA e de suas famílias. Os relatos dos profissionais mostraram que a rigidez cognitiva vai além de um traço comportamental, refletindo-se em frustrações e desafios diários. Dessa forma, destaca-se a importância de ambientes estruturados e acolhedores, que promovam segurança diante do novo e priorizem a compreensão das necessidades individuais, favorecendo a aprendizagem, a autonomia e a qualidade de vida dessas crianças.

Dessa forma, constata-se que os impactos comportamentais decorrentes do déficit na flexibilidade cognitiva ultrapassam o espaço clínico, alcançando as experiências familiares e escolares. Tais dificuldades exigem intervenções contínuas e planejadas, voltadas ao fortalecimento das habilidades adaptativas, ao estímulo da tolerância à frustração e à ampliação das possibilidades de participação social e educacional das crianças com TEA.

7 INTERVENÇÕES TERAPÊUTICAS E ESTRATÉGIAS PARA MONITORAMENTO DE PROGRESSO

A avaliação, a intervenção e o monitoramento de progresso constituem etapas fundamentais para garantir que práticas em contextos educacionais e clínicos sejam baseadas em evidências e promovam resultados efetivos. A avaliação é o ponto de partida, pois possibilita delimitar uma linha de base e compreender as variáveis que influenciam o comportamento ou o aprendizado.

De acordo com a Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental (ABPMC, 2021), a avaliação contínua, incluindo técnicas de observação, registro e análise de dados, é indispensável para o delineamento de programas de intervenção coerentes e cientificamente sustentados. Assim, avaliar não significa apenas medir desempenhos, mas compreender o contexto funcional no qual o comportamento ocorre.

A intervenção, por sua vez, envolve a aplicação planejada de procedimentos derivados da análise comportamental e deve ser constantemente orientada pelos dados obtidos na avaliação, a fim da promoção de mudanças socialmente relevantes. O objetivo das intervenções não deve ser somente “mudar comportamentos”, mas sim melhoria da qualidade de vida.

Um acompanhamento prolongado de intervenções intensivas baseadas em ABA mostra que esse tipo de trabalho pode trazer avanços importantes para o desenvolvimento de crianças com autismo. Quando as estratégias são bem-organizadas e monitoradas de perto, os resultados tendem a ser mais consistentes e significativos. Dessa forma, a intervenção deve ser compreendida como um processo dinâmico, em que as decisões são constantemente ajustadas à medida que novas informações são coletadas.

O monitoramento de progresso complementa as etapas anteriores, permitindo o acompanhamento contínuo das mudanças e a verificação da eficácia das práticas implementadas. O acompanhamento contínuo é fundamental para entender se a intervenção está funcionando e fazer os ajustes necessários ao longo do processo. Esse cuidado constante deixa o trabalho mais claro e garante que ele responda às necessidades reais da criança.

Nesse sentido, compreender e aplicar de forma integrada os processos de avaliação, intervenção e monitoramento de progresso torna-se essencial no trabalho com indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Essas etapas permitem identificar com precisão as necessidades do aprendiz, planejar intervenções individualizadas e acompanhar a eficácia das estratégias adotadas.

Além de assegurar práticas baseadas em evidências, o monitoramento contínuo possibilita ajustes oportunos e garante que o desenvolvimento do repertório comportamental

ocorra de maneira significativa e funcional, promovendo autonomia, adaptação e qualidade de vida.

7.1 PROCEDIMENTOS DE AVALIAÇÃO

A avaliação do nível de prejuízo na flexibilidade cognitiva em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é de extrema importância para compreender como essas dificuldades impactam o comportamento e o desenvolvimento infantil funcional. Essa análise permite identificar de forma mais precisa as áreas que necessitam de intervenção, favorecendo o planejamento de estratégias terapêuticas individualizadas.

A presente categoria tem como objetivo delimitar e descrever os procedimentos de avaliação mencionados pelos entrevistados, destacando as práticas utilizadas e os critérios adotados no processo avaliativo.

Essa avaliação pode ser realizada por meio de avaliações iniciais, como a anamnese e entrevista com os pais, instrumentos de avaliação e observação clínica do profissional, possibilitando assim uma compreensão ampla do funcionamento executivo em crianças com TEA. Durante o mapeamento dos dados, foram obtidas algumas metodologias, que possibilitam o processo de avaliação.

Eu utilizo bastante registros sistemáticos das sessões, análises funcionais, montar uma análise funcional é importante para você porque daquela rigidez, entender o antecedente, entender aquela função, porque aquilo tem uma função. (E1, 2025)

Eu trabalho com a TCC né? Então, eu faço muito aquela introdução acompanhado de rotina, com o suporte mais intenso da família, o treino de Habilidades e resoluções de problemas para enfrentar a frustração, reforço mais consistente para comportamentos mais flexíveis, mesmo que sejam pequenos, jogos e atividades que desafiem a rigidez cognitiva, sabe? (E2, 2025)

Mas a gente utiliza alguns protocolos de avaliação que contém algumas características que são associadas nesses comportamentos flexíveis. [...], mas acabo observando né tanto por meio da minha avaliação clínica mesmo quanto por meio de alguns pontos desses protocolos. (E3, 2025)

Sim, a gente tem alguns protocolos, né, que dá para a gente estar avaliando. Eu costumo dizer assim, que a gente tem vários protocolos avaliativos de comportamento, mas uma coisa primordial é o nosso olhar, né? (E4, 2025)

Então, é na realidade quando a criança chega para intervenção, a gente inicia uma avaliação. A gente utiliza alguns instrumentos. Os instrumentos, são importantes, mas não são a avaliação. A avaliação é todo o raciocínio clínico do profissional, ele vem para auxiliar esse raciocínio clínico. (E5 2025)

As falas dos participantes evidenciam a importância de utilizar instrumentos e estratégias sistemáticas para compreender e intervir diante do déficit na flexibilidade cognitiva em crianças com TEA.

O processo de intervenção começa com a coleta de informações, geralmente por meio de uma conversa inicial e da anamnese. Essas etapas são cruciais para que o profissional possa

entender o histórico de vida da criança, seus comportamentos e o ambiente em que ela vive. Com essas informações, o profissional consegue identificar as necessidades, formular hipóteses sobre o caso e, a partir daí outros tipos de estratégias de avaliação.

Os profissionais destacaram o uso de registros e análises funcionais como recursos fundamentais para identificar antecedentes, funções e consequências dos comportamentos observados, possibilitando compreender o propósito das respostas apresentadas.

A análise funcional é um método utilizado para entender por que um comportamento acontece. Ela busca identificar o que ocorre antes e depois da ação, analisando três partes: os antecedentes (situações que provocam o comportamento), o comportamento em si e as consequências (o que a pessoa ganha ou evita após agir).

A Análise Funcional do Comportamento possibilita a identificação das variáveis ambientais e históricas que mantêm os comportamentos, tanto no contexto clínico quanto no natural” (de-Farias, Fonseca e Nery, 2018, p. 11). Ao invés de focar na eliminação de um comportamento, ela possibilita o aprofundamento na causa e toda a história por trás da aparição do comportamento em questão.

Além disso, após o mapeamento inicial da avaliação, foram obtidos alguns procedimentos que possibilitam essa avaliação:

Eu utilizo muito o VBMAPP, eu gosto muito por achar ele um protocolo, é bem rebuscado... o AFLS também é um protocolo para que a gente consiga mapear esses comportamentos mais adaptativos, tá? As linhas de base, não sei se vocês já ouviram falar em relação a isso, mas é como se a gente precisasse fazer uma sondagem, né? (E3, 2025)

Eu faço observação clínica no cliente, anamnese, entrevista com os pais, faço avaliação de reforçadores da criança, identifico as barreiras comportamentais, incluo algum instrumento que esteja de acordo com o as habilidades daquele aprendiz, né? (E5, 2025)

O VB-MAPP (*Verbal Behavior Milestones Assessment and Placement Program*) é um protocolo da ABA voltado à avaliação das habilidades de linguagem e comunicação em crianças com TEA e outros atrasos do desenvolvimento. Desenvolvido por Mark Sundberg, o instrumento identifica marcos do comportamento verbal e competências sociais, auxiliando o profissional no planejamento de intervenções individualizadas que favorecem o avanço da comunicação funcional (Sundberg, 2014).

O AFLS (*Assessment of Functional Living Skills*), elaborado por Partington e Mueller, é um protocolo que avalia habilidades funcionais e de vida diária em diferentes contextos, como casa, escola e comunidade. Seu objetivo é promover autonomia, independência e qualidade de vida em adolescentes e adultos, orientando o planejamento de intervenções individualizadas (Partington; Mueller, 2013).

O processo de avaliação favorece uma intervenção mais direcionada, voltada não apenas à redução da rigidez, mas também à ampliação do repertório comportamental e da capacidade adaptativa da criança ao longo do acompanhamento terapêutico. Os participantes também destacaram que o uso de protocolos e instrumentos de avaliação e outros recursos devem atuar como apoio ao raciocínio clínico do terapeuta, elemento fundamental para uma análise mais ampla e individualizada.

As falas dos entrevistados evidenciam uma compreensão consistente sobre a importância de realizar avaliações sistemáticas e contínuas no processo terapêutico. De modo geral, eles destacam o uso de registros das sessões, a análise funcional e a aplicação de protocolos específicos como formas de compreender melhor o comportamento e planejar intervenções mais eficazes.

Além disso, ressaltam a necessidade de flexibilidade, reconhecendo que cada pessoa exige adaptações e estratégias avaliativas próprias. Essa postura demonstra um olhar cuidadoso e individualizado, que valoriza tanto a precisão técnica quanto a sensibilidade diante das particularidades de cada caso.

A partir dessa compreensão, torna-se possível discutir os procedimentos de intervenção empregados pelos profissionais, os quais visam promover o desenvolvimento da flexibilidade cognitiva e potencializar os ganhos comportamentais observados no processo terapêutico

7.2 PROCEDIMENTOS DE INTERVENÇÃO RELACIONADOS AO DÉFICIT NA FLEXIBILIDADE COGNITIVA

A análise da categoria denominada “procedimentos de intervenção relacionados ao déficit na flexibilidade cognitiva” busca compreender as estratégias utilizadas pelos profissionais no manejo de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Considera-se que a rigidez cognitiva compromete significativamente a adaptação a mudanças e a capacidade de lidar com situações imprevistas.

Assim, intervenções estruturadas tornam-se fundamentais para promover maior tolerância à frustração, ampliar repertórios de enfrentamento e favorecer o desenvolvimento da autonomia.

A adaptação de crianças com TEA pode ser facilitada quando as mudanças são introduzidas de forma gradual e previsível, ajudando a reduzir reações negativas e promover maior segurança. Nessa perspectiva, a literatura em Análise do Comportamento Aplicada destaca o uso de estratégias como ensino com múltiplos exemplares, reforçamento diferencial

e generalização de respostas, que favorecem comportamentos mais adaptativos em diferentes ambientes (Cooper; Heron; Heward, 2020).

Essa concepção também se reflete nas falas dos profissionais entrevistados, que relatam empregar procedimentos diversificados para lidar com a rigidez cognitiva. Uma das participantes destacou:

Eu faço muito aquela introdução acompanhada de rotina, com o suporte mais intenso da família, treino de habilidades e resolução de problemas para enfrentar a frustração, reforço mais consistente para comportamentos mais flexíveis, mesmo que sejam pequenos, jogos e atividades que desafiem a rigidez cognitiva [...] história social, para preparar a criança para mudanças inevitáveis. (E2, 2025).

Dentre as estratégias utilizadas para aprimorar a flexibilidade cognitiva em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), o uso de Histórias Sociais destaca-se como um recurso eficaz para ensinar habilidades sociais e promover a compreensão de situações cotidianas. Essas histórias auxiliam na antecipação de eventos, identificação de emoções e adequação de comportamentos, contribuindo diretamente para o manejo da rigidez cognitiva, uma característica comum no TEA.

Outro recurso de ampla aplicação é o uso de suportes visuais, que servem como uma ferramenta essencial para a estruturação da rotina e a promoção da previsibilidade. As rotinas visuais permitem que a criança antecipe as atividades do dia, reduzindo a ansiedade e facilitando a adaptação a novos contextos. Essa estratégia também promove a autonomia na execução de tarefas e o desenvolvimento da segurança.

Além disso, um dos participantes (E1), destaca o uso do reforçamento diferencial como estratégia, a fim de diminuir comportamentos inadequados e fortalecer comportamentos desejados. Essa estratégia ajuda a ensinar novas formas de agir, substituindo de forma gradual determinados comportamentos. Outro participante destaca outros tipos de programas de ensino:

Na ABA, a gente trabalha mais com programas de ensino e eu costumo utilizar dois programas específicos [...]. O primeiro, é flexibilidade em frente a mudanças na rotina... né? De forma controlada, a gente manipula o ambiente, manipula as contingências, com mudanças na dinâmica da criança durante o atendimento. Depois, a gente vai generalizando para outras mudanças mais marcantes no acompanhamento dessa criança. (E4, 2025)

Por fim, a individualização das intervenções é fundamental, pois as estratégias devem ser ajustadas de acordo com o progresso e as necessidades específicas de cada criança. Essa personalização do trabalho terapêutico, que inclui a constante avaliação e reformulação das práticas, assegura que cada intervenção seja significativa e adequada aos objetivos estabelecidos. O uso de intervenções individualizadas, como o Plano Educacional

Individualizado (PEI), reflete a necessidade de uma abordagem flexível e responsiva para atuar de forma mais eficaz no desenvolvimento de crianças com TEA.

Se eu faço a avaliação como um todo, pego algumas informações importantes com a família também e a partir disso eu desenvolvo o plano de desenvolvimento individualizado e os programas de aprendizagem. (E5, 2025)

Os relatos demonstram que os procedimentos de intervenção priorizam a introdução gradual de mudanças, o uso de estratégias previsíveis e o envolvimento familiar, aspectos alinhados aos princípios da ABA. O foco está em reduzir a ansiedade frente a situações novas, promover comportamentos flexíveis e favorecer a generalização dessas habilidades para diferentes contextos (Gaiato, 2023).

Dessa forma, observa-se que as intervenções voltadas ao desenvolvimento da flexibilidade cognitiva não apenas auxiliam na adaptação da criança a mudanças, mas também contribuem para o fortalecimento da autonomia, da resiliência emocional e da qualidade das interações sociais em crianças com TEA. Tais estratégias reforçam o papel da prática terapêutica como mediadora entre o comportamento e a construção de novas possibilidades de aprendizagem e convivência.

Por exemplo, na primeira vez que eu li o livro, ele não manteve toda a atenção dele ali e eu respeitei. Mas da segunda vez, ele já gostou mais, da terceira em diante ele já parou, já sentou. Então, é entender que não vai ser do dia para a noite que ele vai aceitar é essa mudança, mas é insistir de maneira bem delicada, sensível e se atentando mesmo às necessidades daquela criança, né? (E1, 2025)

A partir dessa perspectiva, torna-se evidente que a efetividade das intervenções depende diretamente de um monitoramento sistemático do progresso. Esse acompanhamento contínuo permite ao terapeuta identificar avanços, rever estratégias e compreender de forma mais precisa como as variáveis do processo terapêutico influenciam o desenvolvimento da flexibilidade cognitiva, assegurando um planejamento clínico mais assertivo e sensível às necessidades individuais de cada criança.

7.3 MONITORAMENTO DE PROGRESSO

A análise da categoria intitulada “monitoramento de progresso” evidencia a relevância do planejamento no processo de intervenção, uma vez que o acompanhamento sistemático das mudanças comportamentais permite verificar a efetividade das estratégias aplicadas e o alcance dos objetivos propostos.

O monitoramento consiste na coleta contínua e criteriosa de dados sobre o desempenho e a evolução do indivíduo, servindo como base para decisões fundamentadas e ajustes

necessários ao longo do processo terapêutico. Essa prática assegura que as intervenções se mantenham alinhadas às necessidades específicas do cliente, favorecendo a individualização do tratamento e a promoção de resultados consistentes.

Além disso, o monitoramento de progresso reforça o compromisso com práticas baseadas em evidências, evitando que o processo se sustente apenas em percepções subjetivas e garantindo maior rigor e qualidade às ações interventivas (Cooper; Heron; Heward, 2020).

De modo geral, os participantes (E1, E2, E3, E4 e E5) relataram um consenso quanto à importância do monitoramento sistemático do progresso como parte essencial do processo terapêutico. As falas evidenciam que o acompanhamento contínuo permite identificar avanços, ajustar estratégias e assegurar que as intervenções estejam alinhadas às necessidades e aos objetivos de cada criança. Entre as práticas citadas, destacam-se a observação direta das sessões, utilizada para avaliar o desempenho da criança e a atuação dos profissionais, e o uso de escalas e instrumentos padronizados, que possibilitam mensurar o desenvolvimento e verificar se as metas estabelecidas estão sendo atingidas.

Os profissionais também enfatizaram a relevância das reavaliações periódicas, realizadas semanal ou anualmente, como forma de revisar o planejamento terapêutico e garantir a coerência entre os resultados obtidos e as metas propostas. Além disso, o registro e a análise de dados são apontados como recursos indispensáveis para fundamentar decisões clínicas, oferecendo parâmetros objetivos sobre a evolução da criança ao longo da intervenção.

Outro aspecto destacado é o feedback constante entre terapeuta e supervisão, que possibilita uma compreensão compartilhada do progresso e assegura a coerência entre as práticas aplicadas.

Assim, observa-se que o monitoramento de progresso é compreendido pelos participantes como um processo dinâmico e indispensável, que integra observação qualitativa, mensuração quantitativa e reflexão contínua sobre os resultados, contribuindo para a efetividade e a individualização das intervenções comportamentais.

8 PRÁTICAS RELACIONADAS AO DÉFICIT NA FLEXIBILIDADE COGNITIVA

A categoria intitulada “práticas relacionadas ao déficit na flexibilidade cognitiva” busca compreender como as estratégias aplicadas nos contextos escolar, familiar e terapêutico contribuem para o desenvolvimento de comportamentos mais adaptativos em crianças com Transtorno do Espectro Autista. Essas práticas têm como objetivo ampliar a capacidade de lidar

com mudanças, aumentar a tolerância à frustração e favorecer a autonomia, refletindo diretamente na aprendizagem e nas interações sociais cotidianas.

Durante as entrevistas, os profissionais destacaram diferentes recursos que envolvem planejamento prévio, previsibilidade e suporte constante. Os participantes relataram:

Nas atividades do dia a dia, eu tento sempre preparar a criança para mudanças, usando histórias sociais, avisos prévios e atividades que promovam a alternância de tarefas. É importante que ela perceba que imprevistos podem acontecer, mas que existe um passo a passo para lidar com eles (E2, 2025).

Trabalhamos com jogos e brincadeiras que exigem pequenas mudanças de regra ou de sequência. O objetivo não é causar frustração, mas sim treinar a criança para aceitar alterações de forma controlada, reforçando cada pequena conquista (E4, 2025).

Você tem que trabalhar de uma maneira muito divertida, muito dinâmica e que não seja aversivo para aquela criança, porque se for aversivo, aí já era, não conseguimos trabalhar para que ela alcance essa flexibilidade cognitiva (E1, 2025).

Esses relatos evidenciam que as práticas voltadas à flexibilidade cognitiva envolvem o uso de estratégias estruturadas, reforço positivo e apoio familiar. Tais ações buscam reduzir a ansiedade diante de imprevistos, ampliar os repertórios de enfrentamento e favorecer a generalização de comportamentos adaptativos em diferentes contextos de convivência (Gaiato, 2023).

E isso mostra, para gente que desenvolver flexibilidade cognitiva é fundamental não só para o aprendizado de novas habilidades, mas também pela melhoria da qualidade de vida da criança e da família. E quando essa criança consegue diminuir comportamento problema, isso vai facilitando a rotina da família. (E1, 2025).

Assim, a participação da família é fundamental: o acompanhamento diário e o suporte em casa reforçam as aprendizagens feitas na escola ou na terapia, tornando os ganhos mais consistentes e duradouros. Essas intervenções favorecem o desenvolvimento da autonomia e da autoconfiança da criança, permitindo que ela enfrente situações inesperadas de forma mais calma e organizada.

Por conseguinte, o acompanhamento contínuo do progresso da criança é outro ponto central das intervenções. Avaliar constantemente como a criança responde às estratégias permite ajustar os métodos, introduzir novos desafios e garantir que cada ação seja significativa. Ou seja, este uso de intervenções atualizadas possibilita que os objetivos sejam adaptados às necessidades específicas, promovendo flexibilidade, resiliência emocional e habilidades sociais de forma integrada.

A análise revelou que as práticas voltadas ao desenvolvimento da flexibilidade cognitiva têm papel essencial na promoção da autonomia e da adaptação de crianças com TEA. Os relatos dos profissionais evidenciaram que estratégias baseadas na previsibilidade, no reforço positivo e no envolvimento familiar favorecem a aprendizagem e reduzem comportamentos

desafiadores. Observa-se que o apoio contínuo nos contextos terapêutico e familiar fortalece o aspecto emocional e melhora a qualidade de vida da criança e de todos ao seu redor.

Dessa forma, evidencia-se que as práticas voltadas ao desenvolvimento da flexibilidade cognitiva, bem como das habilidades emocionais e sociais, constituem elementos fundamentais para a promoção da autonomia e para o aprimoramento da qualidade das interações sociais. Considerando o exposto, torna-se pertinente, nas considerações finais, discutir como essas estratégias contribuem para o avanço das práticas terapêuticas e para a melhoria contínua da qualidade de vida dos indivíduos atendidos.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo compreender as implicações do déficit na flexibilidade cognitiva em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e identificar estratégias terapêuticas que favoreçam o desenvolvimento dessa habilidade. A partir das entrevistas com profissionais da área clínica, constatou-se que o objetivo foi alcançado, uma vez que o estudo permitiu reconhecer as principais manifestações da inflexibilidade cognitiva e mapear intervenções utilizadas na prática clínica.

Os resultados mostraram que a rigidez cognitiva aparece, sobretudo, diante de mudanças de rotina, alternância de atividades e situações inesperadas. Essas dificuldades impactam a autonomia, as interações sociais e o desenvolvimento emocional da criança, repercutindo diretamente nos contextos familiar e escolar. As falas dos participantes destacaram a importância de intervenções estruturadas, com ensino gradual de adaptação, estímulo à variabilidade comportamental e monitoramento contínuo dos progressos, permitindo ajustes constantes às necessidades individuais.

Apesar de sua relevância, a pesquisa apresenta limitações. O número reduzido de participantes e a coleta de dados exclusivamente com profissionais restringem a generalização dos resultados. Não foram incluídas observações diretas nem a perspectiva das famílias, o que poderia ampliar a compreensão sobre o impacto da inflexibilidade cognitiva no cotidiano da criança.

Essas limitações evidenciam lacunas científicas ainda existentes, especialmente no que diz respeito à comparação entre diferentes métodos terapêuticos e ao acompanhamento longitudinal da evolução da flexibilidade cognitiva. Assim, sugere-se que pesquisas futuras incluam estudos de caso, participação das famílias, avaliações observacionais e investigações que analisem a eficácia de diferentes abordagens terapêuticas ao longo do tempo.

Conclui-se que o desenvolvimento da flexibilidade cognitiva é um processo gradual e requer planejamento, personalização do cuidado e envolvimento da família. Estratégias que promovam adaptação e tolerância à frustração contribuem significativamente para a autonomia e a qualidade de vida da criança com TEA. Portanto, reforça-se a importância de intervenções que aliem ciência e sensibilidade, permitindo um olhar mais humano, funcional e inclusivo sobre o desenvolvimento infantil.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**: DSM-5-TR. 5. ed., texto revisado. Porto Alegre: Artmed, p. 55, 2022.
- ANDALÉCIO, A. C. G. S. A. M., *et al.* Efeitos de 5 anos de intervenção comportamental intensiva no desenvolvimento de uma criança com autismo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 25, n. 3, p. 389-402, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/GT3rB6wPnRtXMBQw87tnYJd/>. Acesso em: 23 out. 2025.
- ANDREOU, M.; KONSTANTOPOULOS, K.; PERISTERI, E. Cognitive flexibility in autism: Evidence from young autistic children. **Autism Research**, v. 15, n. 12, p. 2296–2309, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/aur.2832>. Acesso em: 17 out. 2025.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOLOGIA E MEDICINA COMPORTAMENTAL (ABPMC). **Formação e atuação do analista do comportamento no Brasil**: diretrizes e parâmetros profissionais. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://abpmc.org.br/wp-content/uploads/2021/11/154464258094a735f598.pdf>. Acesso em: 23 out. 2025.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, p. 48, 2011.
- BECK, Judith S. **Terapia Cognitivo-Comportamental**: teoria e prática. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 404 p, 2013.
- BOSA, C. A. **Autismo: intervenções psicoeducacionais**. Revista Brasileira de Psiquiatria, v. 28, n. suppl 1, p. 47–53, maio 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-44462006000500007>. Acesso em: 13 out. 2025.
- BRASIL. **Ministério da Saúde**. Saiba o que é o do Espectro Autista e como o SUS tem dado assistência a pacientes e familiares. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/abril/tea-saiba-o-que-e-o-transtorno-do-espectro-autista-e-como-o-sus-tem-dado-assistencia-a-pacientes-e-familiares>. Acesso em: 26 fev. 2025.
- CABALLO, Vicente E. **Manual de Técnicas de Terapia e Modificação do Comportamento**. 1. ed. São Paulo: Santos Editora, p.688, 1996.
- CATANIA, A. Charles. **Aprendizagem**: comportamento, linguagem e cognição. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- COOPER, John O.; HERON, Timothy E.; HEWARD, William L. **Applied Behavior Analysis**. 3rd ed. New York: Pearson, p.880, 2020.

DE CARVALHO, R. R. Integração da ABA em ambientes escolares: desafios e benefícios. **Revista Interseção**, v. 6, n. 1, p. 135-151, 2024. Disponível em: <https://vistacien.com.br/wp-content/uploads/2024/09/6-Integracao-da-ABA-em-Ambientes-Escolares-Desafios-e-Beneficios-69-86.pdf>. Acesso em: 23 out. 2025.

DE-FARIAS, A. K. C. R., Fonseca, F. N. & Nery, L. B. (Orgs.). **Teoria e Formulação de Casos em Análise Comportamental Clínica**. Artmed Editora, p. 11, 2018.

DEL PRETTE, Almir; DEL PRETTE, Zilda A. P. **Psicologia das Habilidades Sociais: diversidade teórica e suas implicações**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, p. 368, 2017.

DIAMOND, A. Executive functions. **Annual Review of Psychology**, v. 64, p. 135-168, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1146/annurev-psych-113011-143750>. Acesso em: 22 de out. 2025.

FARIA, Clenilton Martins *et al.* As funções executivas e o Transtorno do Espectro Autista: um diálogo neuropsicológico. **BIUS-Boletim informativo Unimotrisaúde em Sociogerontologia**, v. 45, n. 39, p. 1-11, 2024.

GAIATO, Mayra Helena Bonifácio. **Cérebro Singular**: como estimular crianças no espectro autista ou com atrasos no desenvolvimento. São Paulo: Editora Singular. p.320, 2023.

MARQUES, Ana Paula Pissarra; AMARAL, Alisson Vanessa Morroni; PANTANO, Telma. **Treino de funções executivas e aprendizado**. 2. ed. Santana de Parnaíba: Manole, p. 9, 2022.

MIYAKE, A. *et al.* The unity and diversity of executive functions and their contributions to complex “frontal lobe” tasks: A latent variable analysis. **Cognitive Psychology**, v. 41, n. 1, p. 49-100, 2000.

PARTINGTON, James W; MUELLER, Michael M. **Assessment of Functional Living Skills (AFLS): Guide**. San Francisco: Behavior Analysts, Incsam, 2013.

PETROLINI, Valentina; JORBA, Marta; VICENTE, Agustín. What does it take to be rigid? Reflections on the notion of rigidity in autism. **Frontiers in Psychiatry**, v. 14:1072362, 2023. DOI: 10.3389/fpsy.2023.1072362. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsy.2023.1072362/full>. Acesso em: 17 out. 2025.

ROTTA, Newra T.; OHLWEILER, Lúcia; RIESGO, Rudimar S. (Orgs.). **Transtornos da aprendizagem**: abordagem neurobiológica e multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 65–80.

SAMPIERI, Roberto; COLLADO, Carlos; LUCIO, **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, p. 425, 2013.

SCHWARTZMAN, José Salomão. **Autismo infantil**. São Paulo: Memnon, p.22, 1995.

SCHWARTZMAN, José Salomão; ARAÚJO, C. Aparecida. **Transtornos do espectro do autismo**. São Paulo: Memnon, 2011.

SELLA, A. C.; RIBEIRO, D. M. (Org.). **Análise do comportamento aplicada ao Transtorno do Espectro Autista**. 1. Ed. Curitiba: Appris, 2018.

SILVA, E. L.; CRISTINA, V. **Acompanhamento terapêutico e inclusão educacional: construindo pontes para o encontro entre o diferente e a diferença**. Revista Valore, v. 3, n. 1, p. 462–474, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.22408/reva31201858462-474>.

SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano**. 11. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

SKINNER, B. F. **Sobre o behaviorismo**. 3. Ed. São Paulo: Cultrix, 1974.

SUNDBERG, Mark L. **VB-MAPP: Verbal Behavior Milestones Assessment and Placement Program: A Language and Social Skills Assessment Program for Children with Autism or Other Developmental Disabilities**. 2. Ed. Concord, CA: AVB Press, 2014.

VARANDA, C de A; FERNANDES, F. D. M. Cognitive flexibility training intervention among children with autism: a longitudinal study. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 30, p. 15, 2017. DOI: 10.1186/s41155-017-0069-5. Disponível em: <https://pcc.springeropen.com/articles/10.1186/s41155-017-0069-5>. Acesso em: 17 out. 2025.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO UTILIZADO NA PESQUISA

Projeto de Pesquisa em Psicologia

TEMA: MANIFESTAÇÕES COMPORTAMENTAIS DA INFLEXIBILIDADE COGNITIVA NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: ANÁLISE QUALITATIVA DE ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO

Objetivos: *Investigar as implicações comportamentais relacionadas ao déficit na flexibilidade cognitiva em crianças com TEA e a influência das intervenções terapêuticas na melhoria da flexibilidade cognitiva. Oe1: Identificar os padrões comportamentais relacionados a baixa flexibilidade cognitiva em crianças com TEA; Oe2: Compreender quais intervenções terapêuticas apresentam melhor influência no aprimoramento da flexibilidade cognitiva;*

Questionário para entrevista semiestruturada com profissionais

1. Há quanto tempo você trabalha com crianças com TEA?
2. Todas as crianças com TEA apresentam esse déficit na flexibilidade cognitiva?
3. Com que frequência você observa comportamentos rígidos ou resistência à mudanças em crianças com TEA durante as sessões?
4. Quais são os comportamentos que essas crianças apresentam em relação a esse déficit?
5. Quais são as principais dificuldades que as crianças com TEA enfrentam em termos de flexibilidade cognitiva?
6. Como essas dificuldades afetam a vida diária das crianças com TEA?
7. Você utiliza procedimentos específicos da ABA para avaliar a flexibilidade cognitiva? Quais?
8. Quais estratégias voltadas ao desenvolvimento da flexibilidade cognitiva nas suas intervenções? Quais? (ex.: programação de generalização, reforçamento diferencial, ensino de múltiplos exemplares)?
9. Como você avalia a eficácia das intervenções aplicadas?
10. Como você monitora o progresso?
11. Em sua opinião, qual é o maior desafio ao trabalhar a flexibilidade cognitiva com crianças com TEA?
12. Você percebe relação entre aumento da flexibilidade cognitiva e diminuição de comportamentos-problema?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TCLE - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Sr.(a) está sendo convidado(a) para participar da pesquisa **“MANIFESTAÇÕES COMPORTAMENTAIS DA INFLEXIBILIDADE COGNITIVA NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: ANÁLISE QUALITATIVA DE ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO”**. Nesta pesquisa pretendemos investigar as implicações comportamentais relacionadas ao déficit na flexibilidade cognitiva em crianças com Transtorno do Espectro Autista e a influência das intervenções terapêuticas na melhoria da flexibilidade cognitiva. O motivo que nos leva a estudar essa temática é a relevância da pesquisa para identificação de necessidades específicas das crianças com Transtorno do Espectro Autista, bem como analisar a eficácia das intervenções terapêuticas aplicadas.

Para esta pesquisa adotaremos os seguintes procedimentos: a pesquisa adotará uma abordagem qualitativa, com a coleta de dados realizada por meio de entrevistas semiestruturadas. As entrevistas serão conduzidas presencialmente, em data e horário previamente agendados, nas clínicas onde os participantes atuam profissionalmente. A coleta de dados terá início somente após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). O questionário utilizado para coleta de dados O questionário incluirá perguntas sobre comportamentos apresentados por crianças com Transtorno do Espectro Autista, que indiquem déficit na flexibilidade cognitiva, além disso, terá perguntas sobre as intervenções terapêuticas aplicadas. Após a coleta de informações, será feita uma análise de conteúdo, onde os dados coletados serão categorizados e analisados, a fim de cumprir com os objetivos propostos. O questionário para as entrevistas conterá perguntas relacionadas aos comportamentos apresentados por crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) que possam indicar déficits na flexibilidade cognitiva, bem como questões sobre as intervenções terapêuticas utilizadas. Após a coleta das informações, será realizada uma análise de conteúdo, por meio da qual os dados serão organizados em categorias temáticas e examinados com o objetivo de atender às finalidades da pesquisa.

Os riscos da pesquisa envolvem desconfortos emocionais eventuais ao relatar experiências profissionais. Para minimizá-los, os participantes serão informados sobre

os objetivos e procedimentos, com participação condicionada à assinatura do TCLE, podendo ser retirada. As entrevistas ocorrerão em ambiente seguro, com sigilo garantido. Em caso de necessidade, será oferecido suporte psicológico pela Policlínica da UNEX, conforme carta de anuência da psicóloga responsável. A pesquisa apresenta como benefícios: resultados que poderão ampliar o conhecimento sobre a flexibilidade cognitiva no TEA, incentivando novas pesquisas e práticas terapêuticas baseadas em evidências. Também poderão favorecer intervenções mais personalizadas, promover maior autonomia e adaptação das crianças com TEA, além de contribuir para o aprimoramento profissional dos terapeutas.

Para participar deste estudo o(a) Sr.(a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. No entanto, caso o(a) Sr.(a), e seu acompanhante, tenha qualquer gasto, serão RESSARCIDOS por eventuais despesas relacionadas à sua participação, como transporte e alimentação, mediante a apresentação de comprovantes.

Caso o(a) Sr.(a) venha a sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa o(a) Sr.(a) tem direito à INDENIZAÇÃO, conforme previsto na legislação vigente, especialmente nas diretrizes da Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

O Sr.(a) terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo(a) UNEX.

Caso o (a) Sr.(a) tenha alguma dúvida ou necessite de qualquer esclarecimento ou ainda deseje retirar-se da pesquisa, por favor, entre em contato com os pesquisadores abaixo a qualquer tempo.

Gênesis Guimarães Soares – genesis.soares@ftc.edu.br; Ana Beatriz Borges da Silva Santos – ana.ssantos@ftc.edu.br; Maria Vitória Pereira Nogueira - pereira.nogueira@ftc.edu.br.

Também em caso de dúvida, o(a) senhor(a) poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Mantenedor de Ensino Superior (CEP/IMES/FTC). O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) busca defender os interesses dos participantes de pesquisa. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. O Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Mantenedor de Ensino Superior da Bahia (CEP/IMES) está localizado na Praça José Bastos, nº 55, Osvaldo Cruz, Itabuna- BA, 6º andar, CEP

45600-080. Horário de funcionamento: segunda a sexta-feira das 9h às 17h. Telefone: (73) 3214-2418 (Ramal: 2418). E-mail: cep@ftc.edu.br.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada e o(a) Sr.(a) será convidado a assistir à apresentação dos resultados durante a defesa final, caso tenha interesse. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. O(a) Sr.(a) não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar desta pesquisa. Os dados obtidos por meio da entrevista serão armazenados em pasta com senha, a fim de garantir sigilo. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, rubricadas em todas as suas páginas, as quais serão assinadas, ao seu término, pelo(a) Sr(a) ou por seu representante legal, assim como pelo pesquisador responsável. Uma das vias deste termo será arquivada pelo pesquisador responsável, na "UNIFTC/UNEX" e a outra será fornecida ao(a) Sr.(a). Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de cinco (5) anos, e após esse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos. É importante que o(a) Sr.(a) guarde uma via assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, pois ele contém informações relevantes sobre a pesquisa, seus direitos, e os contatos dos responsáveis. Esse documento pode ser consultado a qualquer momento, caso surjam dúvidas, ou seja, necessário recorrer às informações nele contidas.

Eu, _____, portador do documento de Identidade _____ fui informado (a) dos objetivos da pesquisa **“Flexibilidade cognitiva em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA): implicações comportamentais e intervenções terapêuticas”**, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar. Recebi uma via deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Vitória da Conquista, 16 de maio de 2025.

Nome completo (participante)

Data

Nome completo (pesquisador responsável)

Data

APÊNDICE C – DECLARAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO E COMPROMETIMENTO DOS PESQUISADORES

DECLARAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO E COMPROMETIMENTO DOS PESQUISADORES.

Eu, Gênesis Guimarães Soares do Colegiado de Psicologia da UNIFTC/UNEX pesquisador responsável, e eu/nós Ana Beatriz Borges da Silva Santos e Maria Vitória Pereira Nogueira declaramos ao Comitê de Ética em Pesquisa Humana do Instituto Mantenedor de Ensino Superior (CEP/IMES), que estamos participando do projeto de pesquisa intitulado “MANIFESTAÇÕES COMPORTAMENTAIS DA INFLEXIBILIDADE COGNITIVA NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: ANÁLISE QUALITATIVA DE ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO”, e através deste termo, assumimos o compromisso de confidencialidade dos dados adquiridos durante a pesquisa e a devida proteção da identidade dos sujeitos nela envolvidos. Comprometemo-nos a observar a resolução nº 466/12 em todas as fases da pesquisa inclusive a entrega de relatórios anuais e do relatório final e informamos que a coleta de dados desta pesquisa não foi iniciada, e que seu início se dará somente após a aprovação do referido projeto por este Comitê.

Por este instrumento, nos comprometemos ainda a observar as normas da **Resolução 466/12** e suas complementares, e a segui-las em todas as fases da pesquisa e após o seu término, bem como manter o arquivo e guarda de todos os documentos referentes ao estudo pelo tempo mínimo de cinco (5) anos.

Vitória da Conquista, 18 de Abril de 2025.

Pesquisador Responsável /Orientador

Assistente/Aluno

Assistente/Aluno

APÊNDICE D – CARTA DE ANUÊNCIA

Carta de Anuência

Eu, XXX, na qualidade de responsável pelo estabelecimento xxx autorizo a realização da pesquisa intitulada “MANIFESTAÇÕES COMPORTAMENTAIS DA INFLEXIBILIDADE COGNITIVA NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: ANÁLISE QUALITATIVA DE ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO” a ser conduzida sob a responsabilidade do pesquisador Gênesis Guimarães Soares e assistentes Ana Beatriz Borges da Silva Santos e Maria Vitória Pereira Nogueira, e DECLARO que esta instituição apresenta infraestrutura necessária à realização de atendimentos psicológicos, caso necessário. Esta declaração é válida apenas no caso de haver parecer favorável do Comitê de Ética.

Vitória da Conquista, 08 de Maio de 2025.

Assinatura

APÊNDICE E – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Flexibilidade Cognitiva em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA): implicações comportamentais e intervenções terapêuticas

Pesquisador: GENESIS GUIMARAES SOARES **Área Temática:**

Versão: 2

CAAE: 89317825.4.0000.5032

Instituição Proponente: Instituto Mantenedor de Ensino Superior da Bahia - IMES

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.787.956

Apresentação do Projeto:

O presente projeto de pesquisa investigará a flexibilidade cognitiva em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), função executiva

relacionada à capacidade de adaptação diante de novas situações. O estudo buscará compreender como essa habilidade se manifestará em crianças com TEA e quais intervenções comportamentais os profissionais da área utilizaram para desenvolvê-la, a fim de responder a pergunta problema: Quais intervenções terapêuticas são mais eficientes para aprimorar a flexibilidade cognitiva e quais são as implicações comportamentais no déficit da flexibilidade cognitiva em crianças com TEA? A pesquisa adotará uma abordagem qualitativa, que utiliza coleta de dados a fim de explorar o tema proposto, para obtenção de maior compreensão do assunto abordado. Essa pesquisa contará com entrevistas semiestruturadas aplicadas a cinco profissionais que trabalham com crianças diagnosticadas com TEA. A partir das entrevistas será obtida uma perspectiva baseada em profissionais qualificados que atuam na área. A análise a partir dos dados obtidos será conduzida com base na técnica de análise de conteúdo onde os dados serão categorizados, ligados aos comportamentos observados pelos profissionais e estratégias de intervenção utilizadas. Espera-se que os resultados revelem padrões como resistência à mudança,

comportamentos repetitivos e dificuldades em transições, além de indicarem eficácia de abordagens com a Análise do Comportamento Aplicada - ABA, uso de reforçadores positivos, rotinas estruturadas e estratégias no estímulo à flexibilidade cognitiva.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Investigar as implicações comportamentais relacionadas ao déficit na flexibilidade cognitiva em crianças com Transtorno do Espectro Autista e a influência das intervenções terapêuticas na melhoria da flexibilidade cognitiva.

Objetivo Secundário:

Identificar os padrões comportamentais relacionados à baixa flexibilidade cognitiva em crianças com TEA. Compreender quais intervenções terapêuticas apresentam maior influência no aprimoramento da flexibilidade cognitiva.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os riscos envolvidos na pesquisa incluem possíveis desconfortos emocionais e psicológicos nos profissionais que serão entrevistados, como o

desconforto em relação a situações que possam ter sido desafiadoras com seus pacientes ou a dificuldade em compartilhar essas experiências,

podendo causar sobrecarga emocional. Além disso, os entrevistados podem se sentir inseguros em relação a suas identidades profissionais, isso

pode acarretar um medo em relação à participação na pesquisa, podendo trazer consequências negativas na carreira profissional, visto que estarão

compartilhando dados clínicos sobre seus pacientes. Para minimizar esses riscos, serão adotadas as seguintes medidas: os entrevistados serão

informados detalhadamente sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa, sendo obrigatória a assinatura dos documentos fornecidos, para

garantir o consentimento de sua participação. As entrevistas serão realizadas em um ambiente seguro e acolhedor, sendo livre de julgamentos e as

perguntas serão feitas de forma clara e objetiva, a fim de garantir pleno entendimento. Os dados coletados, bem como as identidades de participantes, serão mantidos em sigilo, sendo armazenados de forma segura. Caso algum profissional demonstre desconforto emocional ou psicológico durante ou após a pesquisa, será oferecido suporte PSICOLÓGICO OFERECIDO PELA POLICLÍNICA DA UNEX, como confirmado através da CARTA DE ANUÊNCIA ASSINADA PELA PSICÓLOGA RESPONSÁVEL TÉCNICA. As atividades serão planejadas de forma a complementar e não a causar algum dano, evitando sentimentos de angústia ou inadequação.

Benefícios:

Os resultados poderão contribuir para avanços no conhecimento sobre a flexibilidade cognitiva dentro do Espectro Autista, permitindo o estímulo de

novas pesquisas, aprimorando a abordagem e demonstrando o desenvolvimento de novas estratégias através das evidências científicas. Além disso, pode trazer uma compreensão mais profunda das dificuldades cognitivas, ajudando com uma

intervenção personalizada, uma melhoria na abordagem terapêutica, uma vez que ao entender melhor as limitações comportamentais, os psicólogos

poderão adaptar melhor suas abordagens. A pesquisa pode também gerar um conhecimento, que se for aplicado corretamente, pode resultar em

uma maior independência, habilidades sociais aprimoradas, e maior adaptabilidade a novas situações ou situações desafiadoras para crianças com

TEA, e por fim, a expansão de competências por parte dos profissionais, sobre novas práticas terapêuticas voltadas a intervenção no TEA.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Este estudo adotará uma abordagem qualitativa, utilizando entrevistas semiestruturadas com profissionais, para compreender como a flexibilidade

cognitiva manifesta-se em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), tão como estratégias terapêuticas mais eficazes para estimulá-las. O

método qualitativo é adequado, pois, permitirá explorar experiências individuais dos profissionais e contextos que influenciam o desenvolvimento

cognitivo e comportamental de crianças com TEA. O estudo contará com psicólogos e aplicadores ABA que possam fornecer percepções sobre a

flexibilidade cognitiva de crianças com TEA em diferentes contextos. Além disso, teremos a partir das perspectivas dos profissionais uma noção de

observação sistemática. A análise será conduzida por meio da análise de conteúdo temática, categorizando os dados em eixos como dificuldades de flexibilidade cognitiva, impacto comportamental e eficácia de intervenções. Essa técnica permite identificar padrões e construir um entendimento aprofundado das dificuldades e progressos observados, a fim de garantir que os objetivos propostos sejam efetivamente atingidos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Folha de Rosto - OK

Informações Básicas do Projeto - OK

Projeto Detalhado - OK

Declaração de Pesquisadores - OK

Cartas de anuência - OK

Carta de anuência (Policlínica de Psicologia) - OK

Cronograma - OK

TCLE - OK

Orçamento - OK

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto foi ajustado alinhando os riscos e benefícios entre os documentos, em especial no TCLE.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2550587.pdf	19/07/2025 12:02:57		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termodeconsentimento.pdf	19/07/2025 12:01:46	ANA BEATRIZ BORGES DA SILVA SANTOS	Aceito
Outros	QuestionarioEntrevista.pdf	04/06/2025 09:57:27	ANA BEATRIZ BORGES DA SILVA SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	DispensaTALE.pdf	04/06/2025 09:53:43	ANA BEATRIZ BORGES DA SILVA SANTOS	Aceito

Página 04 de

Outros	Cartadeanuencia4.pdf	30/05/2025 11:05:44	ANA BEATRIZ BORGES DA SILVA SANTOS	Aceito
Outros	Cartadeanuencia3.pdf	30/05/2025 11:05:24	ANA BEATRIZ BORGES DA SILVA SANTOS	Aceito
Outros	Cartadeanuencia2.pdf	30/05/2025 11:05:01	ANA BEATRIZ BORGES DA SILVA SANTOS	Aceito
Outros	Cartadeanuencia1.pdf	30/05/2025 11:04:17	ANA BEATRIZ BORGES DA SILVA SANTOS	Aceito
Orçamento	Orcamentotcc.pdf	30/05/2025 10:59:41	ANA BEATRIZ BORGES DA SILVA SANTOS	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Termodedeclaracao.pdf	30/05/2025 10:57:47	ANA BEATRIZ BORGES DA SILVA	Aceito

			SANTOS	
Declaração de concordância	CartadeanuenciaUNEX.pdf	30/05/2025 10:56:25	ANA BEATRIZ BORGES DA SILVA SANTOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetodepesquisa.pdf	30/05/2025 10:50:12	ANA BEATRIZ BORGES DA SILVA SANTOS	Aceito
Cronograma	Cronogramatcc1.pdf	30/05/2025 10:48:57	ANA BEATRIZ BORGES DA SILVA SANTOS	Aceito
Folha de Rosto	Folhaderostoassinada.pdf	30/05/2025 10:08:50	ANA BEATRIZ BORGES DA SILVA SANTOS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

ITABUNA, 23 de Agosto de 2025

Assinado por:

Letícia Maróstica de Vasconcelos

(Coordenador(a))